

## **Pensando o Recolonial nos estudos da Comunicação: reflexões a partir da América Latina**

### **Thinking the Recolonial in Communication Studies: reflections from Latin America Afonso de Albuquerque**

*Afonso de Albuquerque*<sup>1</sup>

*Thaiane de Oliveira*<sup>2</sup>

**Resumo:** *A despeito do seu pioneirismo, a tradição de pensamento crítico latino-americano praticamente desapareceu do cenário da pesquisa internacional de referência, a partir da instauração de circuito anglófono, na década de 1990, centrado nos Estados Unidos. Este ensaio tem como objetivo discutir esse fenômeno no contexto de um processo mais amplo de recolonização, conduzido no âmbito da globalização neoliberal e do capitalismo acadêmico, com foco na pesquisa latino-americana nos estudos da Comunicação e nos circuitos de Comunicação Científica. Nesse contexto desfavorável, a América Latina soube preservar um circuito vigoroso de intercâmbio acadêmico, pautado no acesso aberto à produção intelectual. Sustenta-se que esse circuito pode servir de base para a construção de um espaço de circulação acadêmico global mais diversificado, alternativo ao atualmente existente.*

**Palavras-chave:** *Comunicação; América Latina; recolonização; globalização neoliberal; circuitos acadêmicos.*

**Abstract:** *Despite its pioneering spirit, the Latin American tradition of critical thinking has practically disappeared from the international research scene of reference, since the establishment of an English-speaking circuit in the 1990s,*

1 Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, RJ, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0002-2608-7605>. E-mail: [afonsoalbuquerque@id.uff.br](mailto:afonsoalbuquerque@id.uff.br)

2 Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, RJ, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0002-8588-3548>. E-mail: [thaianeoliveira@id.uff.br](mailto:thaianeoliveira@id.uff.br)

*centred in the United States. This issue discusses this phenomenon in the context of a broader process of recolonization, conducted within the scope of neoliberal globalization and academic capitalism, with a focus on Latin American research in the studies of Communication and in circuits of Science Communication. In this unfavorable context, Latin America was able to preserve a vigorous academic exchange circuit, based on open access to intellectual production. We sustain this circuit can serve as a basis for the construction of a more diversified global space of academic circulation, an alternative to the current one.*

**Keywords:** *Communication; Latin America; recolonization; neoliberal globalization; academic circuits.*

## Introdução

*“Vamos dar golpe em quem nós quisermos.  
Lide com isso!”*

A confissão descarada do magnata sul-africano radicado nos Estados Unidos, Elon Musk, de que ele participou da organização do golpe militar na Bolívia, que derrubou o presidente eleito Evo Morales e o substituiu por um regime mais amistoso aos seus próprios interesses, dá conta de um aspecto tão importante quanto negligenciado da situação política contemporânea: um processo de recolonização acelerada dos países periféricos, na esteira do processo de globalização neoliberal. Outro exemplo, ainda mais próximo, diz respeito ao papel que instituições dos Estados Unidos desempenharam na dinâmica da crise brasileira, que levou ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff – que um número considerável de autores tem descrito como um golpe (ALBUQUERQUE, 2019; SANTOS, 2018) –, à prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à ascensão de Jair Bolsonaro – cuja agenda política principal parece ser a de pôr o sistema econômico e político do país a serviço dos Estados Unidos.

Como a literatura acadêmica tem reagido a tais acontecimentos? De forma tímida, na melhor das hipóteses. Inúmeros apelos têm sido feitos acerca da necessidade de “desocidentalizar” a pesquisa da comunicação (WAISBORD; MELLADO, 2016; DEMETER, 2019; CURRAN; PARK, 2000), mas eles contribuem para entender os dilemas que se apresentam para os países da periferia do globalismo neoliberal? Este artigo explora o potencial de perspectivas latino-americanas para lidar com os dilemas que se apresentam no mundo contemporâneo a partir de uma perspectiva que destaca os circuitos da produção e a distribuição do saber acadêmico. Em outras palavras, argumenta-se que no meio acadêmico não importa apenas o que é dito, mas por quem é dito, em que veículos a teoria circula e por quais instituições o conhecimento é legitimado enquanto academicamente relevante.

Desse ponto de vista, o artigo sustenta que: 1) uma sólida tradição de investigação sobre a Comunicação se constituiu na América Latina na segunda metade do século passado; 2) essa tradição antecedeu em décadas a pesquisa de outras partes do mundo (inclusive a Europa) sobre o tema, e se constituiu como um contraponto crítico aos estudos desenvolvidos nos Estados Unidos; 3) a América Latina foi capaz de desenvolver uma sólida rede de eventos e publicações de acesso aberto; 4) a despeito desse pioneirismo, a produção latino-americana perdeu relevância no cenário global a partir da década de 1990. Argumentamos que tal perda de relevância não se deve primordialmente à natureza das pesquisas realizadas na região ou à sua qualidade, mas a partir da mudança dos critérios que passaram a definir o global a partir de um olhar fundamentalmente anglófono (e estadunidense em particular), com base na globalização do modelo de “capitalismo acadêmico”.

Esse modelo, pautado em *rankings* acadêmicos (de instituições educacionais, periódicos científicos), usualmente produzidos por instituições sediadas nos Estados Unidos, constrói as bases que permitem a modelos fortemente etnocêntricos reivindicarem um estatuto universal. Ora, essa é, justamente, a dinâmica da herança pós-colonial tal como identificada por autores como Mignolo (2007), por exemplo. Dito de outro modo, a própria estrutura da circulação de saber acadêmico pelo globo, estabelecida a partir do final do século passado, tem, em si mesma, consequências recoloniais. Iniciativas de recolonização explícitas, como as que descrevemos anteriormente, encontram no meio acadêmico um espaço de legitimação muito mais sutil, que passa pela legitimação de lugares e modos de dizer específicos à custa de outros.

Por outro lado, a ordem global unipolar, que serviu de base a esse modelo, experimenta hoje uma crise de grandes proporções. Nesse contexto, a experiência pioneira da América Latina pode servir como exemplo e inspiração, tanto no que se refere à sua tradição crítica (o chamado “pensamento comunicacional latino-americano”) quanto ao circuito de intercâmbio acadêmico que se constituiu na região, servindo de modelo para uma alternativa ao regime de monocultura acadêmica

que define o que é pesquisa “de qualidade” em termos globais. Este ensaio, portanto, tem como proposta discutir essas questões relacionadas ao circuito acadêmico, buscando trazer o pensamento comunicacional latino-americano e os circuitos alternativos de circulação aberta sobre o conhecimento científico como modelos que não apenas rompem com estruturas ocidentais, mas também antecedem as agendas de pesquisa internacionais.

### **O olhar latino-americano sobre a Comunicação**

A pesquisa em Comunicação tem uma tradição bem estabelecida nos países da América Latina, que se desenvolveu muito antes do que aconteceu na Europa, em contraponto àquela que se realizava nos Estados Unidos (HERSCOVITZ, 1995; TUFFE, 1996; BERGER, 1999). Porém, a dimensão da sua contribuição foi de algum modo perdida no cenário da pesquisa global contemporânea. Como e por que isso ocorreu? É em torno dessa questão que se estruturam a presente seção e a seguinte.

Diferentemente de outras, a Comunicação nasceu como disciplina distintamente estadunidense e permaneceu assim por décadas. Ela surgiu atrelada aos interesses dos setores militares, de inteligência e de relações exteriores daquele país e com forte patrocínio financeiro deles (GLANDER, 2000), em torno de uma agenda fundamentalmente prática, voltada para o estabelecimento de mecanismos de controle social. Isso impactou fortemente na configuração que a disciplina assumiu naquele país não somente no plano político, mas também nos planos teórico e metodológico, marcados por um viés empiricista de corte behaviorista e com uma perspectiva que valorizava o conhecimento aplicado. Peters (1986) identificou nas marcas do nascimento dos estudos de Comunicação nos Estados Unidos as razões da pobreza intelectual que os caracterizavam.

E o que a América Latina tem a ver com isso? Ocorre que perspectivas críticas e socialmente baseadas já vinham sendo desenvolvidas sistematicamente pelos pesquisadores da região. Instituições como o

CIESPAL (Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina), criado em 1959 no Equador, sob os auspícios da UNESCO (Aragão, 2018), e a ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación) ajudaram a fomentar um intercâmbio intelectual entre os pesquisadores da região.

Tanto o desenvolvimento prematuro da pesquisa em Comunicação na região quanto a perspectiva crítica que a caracterizou se relacionam com um mesmo fator: a enorme influência que os Estados Unidos exerceram na cultura e nos meios de comunicação latino-americanos no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Isso foi percebido por alguns setores das sociedades latino-americanas como um exemplo de imperialismo cultural (cf. BELTRAN, 1976). Essa influência tinha como eixo norteador a ideologia do desenvolvimentismo, que concebia o desenvolvimento como um modelo de via única, que implicaria o abandono dos laços tradicionais através de um roteiro que passaria pela liberalização econômica (isto é, uma sociedade de mercado), alfabetização, desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e democracia (LERNER, 1958). Alternativamente, os pesquisadores críticos latino-americanos percebiam os meios de comunicação de massa estadunidenses e a ideologia do desenvolvimentismo como elementos de opressão e alienação a serviço do imperialismo cultural.

Vários autores tiveram um papel decisivo no desenvolvimento da tradição do pensamento crítico latino-americano em Comunicação: Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini, Eliseo Verón, Renato Ortiz, José Marques de Melo e Luis Ramiro Beltrán são alguns dos mais citados dentre eles. Neste texto, contudo, destacamos de modo especial um nome cuja importância no cenário global é inquestionável, mas que, por vezes, tem seu papel pouco destacado no tocante à sua contribuição para a perspectiva latino-americana sobre a comunicação: o educador brasileiro Paulo Freire (FERNÁNDEZ-ABALLÍ ALTAMIRANO, 2016; SUZINA; TUFTE, 2020). Sua pedagogia do oprimido, que valorizava a construção autônoma do aluno como sujeito da própria educação, apresenta como um dos fundamentos conceituais mais importantes a

ideia de que os meios de comunicação deveriam servir como modelos de promoção da diversidade cultural, consolidada no chamado Relatório MacBride da UNESCO, publicado em 1980.

Foi apenas na década de 1980 que pesquisas de natureza crítica, com foco em fenômenos sociais e culturais, ganharam relevância no cenário da pesquisa em Comunicação nos Estados Unidos. Ironicamente, o que poderia ser considerado como um sucesso do modelo de pesquisa desenvolvido pioneiramente na América Latina, marca um declínio da expressão global da pesquisa da região.

### **O declínio do olhar latino-americano na ordem anglófona global**

O lugar da pesquisa latino-americana no panorama global da Comunicação declinou consideravelmente a partir da década de 1990 (ENGHEL; BECERRA, 2018; GANTER; ORTEGA, 2019). Por que isso ocorreu? O declínio da América Latina no campo da Comunicação é inseparável de um fenômeno mais abrangente: a construção, a partir da década de 1990, de um circuito acadêmico anglófono, estruturado com base nos princípios do capitalismo acadêmico, economias baseadas em conhecimento e da construção de um sistema de *rankings* globais (MUGNAINI; DIGIAMPIETRI; MENA-CHALCO, 2014). Resumidamente, o capitalismo acadêmico diz respeito à organização do meio em torno de uma lógica de concorrência de mercado, nos termos da qual as instituições e os profissionais acadêmicos são avaliados em termos da sua eficiência econômica e competem por prestígio e recursos. Nessa lógica de competição, *rankings* acadêmicos assumem um papel fundamental. A questão, aqui é: quem define o que são produções de qualidade? Como ocorreu com outros campos, na esteira do processo de globalização neoliberal, esse papel foi em grande medida assumido por instituições sediadas nos Estados Unidos e, secundariamente, Reino Unido.

O poder que resulta dessa capacidade de qualificar o que constitui produção acadêmica “de qualidade” é ilustrado pelo sistema de

classificação de periódicos segundo seu índice de impacto (em termos de citações). A questão crucial, aqui, é: que periódicos têm seu impacto avaliado? Quais as suas características? Um estudo publicado recentemente traz pistas interessantes nesse sentido (ALBUQUERQUE *et al.*, 2020). Entre os periódicos de Comunicação avaliados pelo *Journal of Citation Reports*, da Clarivate, em 2017, todos, à exceção de dois, são publicados em inglês e a maioria deles são publicados por apenas três editoras comerciais e têm acesso pago. Alguns desses periódicos têm foco geográfico demarcado, na Europa, Ásia, África e Oceania. A América Latina não é contemplada por um periódico da lista sequer. A composição do corpo editorial dessa amostra de periódicos também conta uma história interessante. De um total de 4.784 membros, nada menos do que 2.798 (58,5%) deles estão sediados em instituições dos Estados Unidos e 398 (8,3%) no Reino Unido. O chamado Ocidente tem nada menos do que 87,7% do total de membros do corpo editorial, enquanto países como China e Índia dispõem de 32 e 10 membros, respectivamente (em ambos os casos, menos de um por cento), e a América Latina e o Caribe, tomados em seu conjunto, contam com 50 (pouco mais de um por cento).

A invisibilidade sistêmica que essas regiões têm no cenário global fica mais bem destacada quando consideramos a representação que determinadas instituições acadêmicas lograram obter no sistema: a Universidade do Texas e a Universidade de Wisconsin têm, cada uma, 92 membros na lista, ou seja, quase o dobro dos membros de todas as instituições da América Latina e o Caribe somadas. No total, nove instituições acadêmicas estadunidenses dispõem de mais membros no sistema do que toda a região.

A América Latina desapareceu do sistema porque sua produção foi tornada invisível pelas regras do jogo. A chamada “internacionalização” da Comunicação assumiu o caráter de exportação global de modelos estadunidenses de pesquisa, de tal forma que a contribuição latino-americana foi simplesmente ignorada, riscada do mapa. Não é que a América Latina tenha deixado de produzir pesquisa significativa, ou que

a sua qualidade tenha diminuído; simplesmente a pesquisa da região foi excluída do circuito que passou a definir a qualidade em termos globais e considerada como de segunda classe.

Aqui chegamos ao cerne da relação entre as políticas acadêmicas globais instaladas nas últimas décadas e ao que denominamos como processo de recolonização. Tendo por objeto contextos históricos um tanto diferentes entre si, Said (1996), Chakrabarty (2000) e Mignolo (2007) observam que uma das dimensões mais importantes do processo de construção da superioridade do saber ocidental é o apagamento da contribuição histórica de outros povos ao conhecimento. O que diferencia o processo de que tratamos neste artigo daqueles descritos por esses autores são o seu *timing* e a natureza do processo de colonização que teve lugar em um caso e no outro. O processo colonizador de que tratamos aqui está associado à globalização neoliberal que teve lugar a partir do último quarto do século passado, capitaneada por uma aliança entre o governo dos Estados Unidos e instituições financeiras internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), que resultou numa brutal diminuição da soberania nacional de países em diferentes regiões do mundo – forçadas a aderir a reformas neoliberais sob a ameaça de sanções – e com resultados particularmente rigorosos para a América Latina (BABB, 2013).

Nesse contexto, as instituições universitárias constituem uma peça central para a legitimação das novas relações de dominação. Elas o fazem de duas maneiras principais: 1) construindo laços de dependência acadêmica entre as sociedades periféricas e as centrais; 2) produzindo discursos que justifiquem a nova ordem e sirvam de base para políticas públicas, que ganham, assim, uma autoridade de saber global. As relações de dependência acadêmica foram cuidadosamente debatidas por autores como Alatas que, entre outros aspectos, enfatiza a dimensão da divisão global do trabalho acadêmico (2003). Para além disso, as redes de relacionamento que se constituem por intermédio das instituições acadêmicas dos países centrais desempenham um papel importante na

formação das elites das sociedades periféricas (DEZALAY; GARTH, 2002).

Essa estrutura não apenas tem uma estrutura colonial em si mesma, como produz efeitos recolonizantes em sua aplicação prática ao mundo concreto. Esse modelo de divisão de trabalho acadêmico exerceu um papel fundamental na reestruturação da ordem global em torno do receituário neoliberal, na medida em que instituições universitárias dos Estados Unidos assumiram um papel central no tocante ao debate econômico (FOURCADE; OLLION; ALGAN, 2015). Na medida em que o saber originado nessas instituições passou a pautar as ações de instituições globais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, ele acabou por assumir, pragmaticamente, um valor de verdade (BABB, 2013). Os acontecimentos recentes da América Latina, a que nos referimos na introdução do artigo, dão uma dimensão complementar do problema. Por exemplo: o golpe contra Evo Morales foi em parte legitimado com base em acusações de fraude eleitoral feitas pela OEA – que depois foram desmentidas –, e de resto Elon Musk, que patrocinou o golpe, o chamou pelo nome. Igualmente, a Operação Lava Jato, que colaborou decisivamente para a corrosão da ordem democrática brasileira, recebeu forte legitimação por parte de setores do meio acadêmico estadunidense, que a retrataram como um exemplo privilegiado do funcionamento virtuoso das instituições de *accountability* do universo jurídico e dos meios de comunicação (LAGUNES; SVEJNAR, 2020).

### **O Sul Global: descolonização do discurso/colonização dos circuitos?**

Após a queda do muro de Berlim, e conseqüentemente a brusca crise do socialismo no Leste Europeu e a abertura econômica na China, o mundo pós-anos 1990 vem experimentando a hegemonia do capitalismo como sistema econômico global predominante. Desde então, a divisão entre Primeiro, Segundo e Terceiro Mundo passou a não fazer mais

sentido para a classificação mundial, visto que tal definição “não possuía mais consistência teórica ou operacional, uma vez que os países do Segundo Mundo (socialistas) estavam se convertendo em ‘Democracias de Mercado’” (VISENTINI, 2015, p. 7). Como alternativa ao rótulo pós-Guerra Fria de “Terceiro Mundo”, tais nações posteriormente foram chamadas de Sul Global, representando uma estratégia de despolitização sobre a própria classificação mundial, e um alinhamento discursivo sobre a globalização transnacional da década de 1990, que reforça a ideia de existência de uma divisão abissal (SANTOS, 2007) entre os colonizadores e os colonizados.

É nesse cenário que o conceito de Sul Global passa a ser desdobrado no circuito científico, inicialmente traçado a partir de distinções geográficas e econômicas que distinguem países do norte desenvolvidos e do sul como não desenvolvidos, e posteriormente tematizando a fronteira como um espaço de resistência às lógicas da modernidade, sem deixar de ser “um solo fértil para aqueles que desejam implementar mudanças organizacionais, ideológicas ou tecnológicas” (CHASE-DUNN; HALL, 2016, p. 16).

Neste contexto econômico de globalização pós-década de 1990, o Sul Global se tornou uma importante agenda econômica sob o cerco de programas neoliberais de ajuste estrutural do Banco Mundial (ANIEVAS; MATIN, 2016). Neste período uma agenda neoliberal globalizada foi imposta pelos Estados Unidos, conhecida como Consenso de Washington, que foi um conjunto de políticas econômicas impostas aos países devedores pelas instituições financeiras norte-americanas, que se expandiu por diversas esferas, inclusive educacional e científica (ALBUQUERQUE; LYCARIÃO, 2018). Esse projeto de dependência aos países centrais foi implementado através de instrumentos de políticas científicas de internacionalização passiva e pela importação de ideias, epistemologias, metodologias e tecnologias de países centrais, em um movimento no qual pesquisadores de países periféricos são incentivados a servir de mordomos aos países hegemônicos (BENNETT, 2014). Ou seja, trazem conceitos e teorias dos países centrais, traduzindo para

servir aos seus pares, invisibilizando e subtraindo epistemologias produzidas anteriormente em suas próprias comunidades locais, como se nunca tivessem existido.

Esse apagamento de epistemologias locais ou regionais faz parte das dinâmicas de manutenção de poder dos países centrais sobre o “resto do mundo”, através do controle comercial dos circuitos de publicação e de definições de agendas dominantes na circulação do conhecimento. Uma busca sobre pesquisas sobre o Sul Global na plataforma Dimensions – plataforma de busca sobre publicações, *datasets*, fomentos, patentes e testes clínicos – nos aponta importantes informações para entendermos essas agendas de pesquisa que se consolidam sobre o tema. Entre os principais financiadores de pesquisa sobre o Sul Global estão instituições internacionais como União Europeia e o Conselho de pesquisa econômica e social da Inglaterra, e fundações financeiras como Fundação Ford, Welcome Trust e Fundação Bill e Melinda Gates. Palavras como pobreza, subdesenvolvimento, atraso, deficiência, insegurança e vulnerabilidade figuram entre propostas de capacitação, emancipação e urgente ajuda que o Norte precisa dar ao Sul (GRANT, 2015; MATTHEWS, ONYEMAOBI, 2020), sem considerar a própria responsabilidade que os países centrais têm nas desigualdades globais.

Esta relação do poder econômico e da manutenção de poder dos países centrais sobre os países não ocidentais também tem sido observada no campo da Comunicação. Copean e Dingo (2018) observam o quanto a agenda dirigida à raça tem se desdobrado como uma forma de manutenção do próprio poder. As autoras fazem um apelo para que estudiosos brancos e ocidentais estejam atentos à política de capitalizar sobre as lutas e dominação de grupos não brancos e/ou exotizados do “Sul Global” que estão sendo usados como estudos de caso “interessantes” que não mudam substancialmente a estrutura dominante ou ainda a retórica erudita de decolonização, que pode inadvertidamente servir para sustentar as práticas racistas do campo. Na mesma linha, Mukherjee (2020) aponta que tais estudos são reificados a partir de “vestimentas étnicas” estabelecidas pelos próprios países centrais, que definem o que

os não ocidentais devem vestir: “quanto mais exóticas e aventureiras são as práticas em estudo, mais entusiasta será sua recepção dentro do meio acadêmico”.

Esta forma de dominação sobre o conhecimento, chamada de imperialismo acadêmico, foi imposta como um processo civilizatório, colocado como uma etapa necessária no progresso humano (ALATAS, 2000). No atual modelo de globalização neoliberal do circuito científico, a configuração do imperialismo ganha outros contornos e seu papel recolonizador fica mais indireto (ALATAS, 2003). O controle dos fluxos informacionais da comunicação científica permanece sob o domínio de países centrais e grandes oligopólios tecnológicos e do mercado editorial científico (LARIVIÈRE; HAUSTEIN; MONGEON, 2015), baseando-se em leis internacionais de *copyright* e em um sistema de prestígio sobre a circulação do conhecimento (OLIVEIRA, 2019). Essa recolonização da ciência é marcada, portanto, pelo domínio dos espaços de circulação da ciência, que vem sendo desafiado por diversas iniciativas, entre elas, na produção de epistemologias, infraestruturas e políticas do Sul.

### **A resiliência do circuito latino-americano e sua contribuição para um estudo multipolar da Comunicação**

Apesar da existência de circuitos altamente lucrativos que se consolidam em torno da comercialização da produção científica global e tangenciam a representatividade de países periféricos e não ocidentais nesses espaços de prestígio científico, a América Latina historicamente constituiu modelos alternativos de circulação do conhecimento científico. Como um exemplo e um modelo a ser seguido pelo “resto do mundo”, a América Latina é considerada uma das regiões mais progressistas não apenas por seu pensamento crítico que marca a contribuição epistemológica latino-americana. Esta vanguarda latino-americana se apresenta também no desenvolvimento de políticas e infraestruturas para um acesso aberto

configurado em modelos sustentáveis baseados na colaboração, cooperação e atuação institucional e estatal que se tornaram uma alternativa às lógicas de mercado neoliberal sobre o conhecimento científico.

Antes mesmo de ser uma agenda para o resto do mundo, como o cOAlition S, o Acesso Aberto tem sido desenvolvido na região desde a década de 1990, como o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), lançado em 1997, além de documentos como “*Declaración de San José hacia la Biblioteca Virtual en Salud*”, de 1998, por exemplo. Ou seja, antes mesmo da Declaração de Budapeste, publicada em 2002, que é considerada um marco global em prol do acesso aberto, a América Latina já se constituía como modelo de iniciativas para um acesso livre e igualitário da ciência. Além da SciELO e da *Declaración de San José*, outras iniciativas e documentos políticos foram fundamentais para a definição de um modelo alternativo de circulação do conhecimento na região. Entre eles, podemos citar a “*Declaração de Havana para o acesso equitativo à informação sanitária*”, na qual é destacada a responsabilidade do Estado no acesso à informação científica como um bem público global, ressaltando a importância de políticas nacionais e internacionais para garantir a ampla circulação e o acesso à ciência (COSTA; LEITE, 2016).

Outra instituição que marca os esforços da América Latina em construir redes, infraestruturas e políticas de acesso aberto é a Latindex, criada em 1997, que tem como elemento central a criação de um sistema de caráter regional e cooperativo, distribuído em diferentes países latino-americanos, consolidada a partir de uma compreensão de compartilhamento do trabalho e da aproximação entre fontes que geram, fornecem e distribuem dados sobre as revistas. Outra instituição que tem marcado a atuação latino-americana pelo acesso aberto é a Redalyc, uma base de dados bibliográficos e uma biblioteca digital de revistas de acesso aberto, também desenvolvida pela Universidade Autónoma do Estado do México. Criada com o propósito de dar visibilidade às revistas ibero-americanas, em 2015, passou a prover também um sistema de informação que avalia a qualidade científica e editorial do conhecimento

na região, produzindo indicadores bibliométricos sobre o impacto dos periódicos, autores e países incluídos na revista eletrônica da biblioteca, para além de indicadores de empresas comerciais como Clarivate e Scopus, que fornecem o Fator de Impacto e CiteScore, respectivamente. Atualmente, a Redalyc é considerada um importante repositório de conhecimento, com mais de mil periódicos distribuídos por toda a América Latina.

Outra iniciativa de destaque é a AmeliCA, criada em 2018, uma infraestrutura de comunicação para publicação científica e ciência aberta, sustentada de forma cooperativa com foco no modelo editorial sem fins lucrativos para preservar a natureza acadêmica e aberta da comunicação científica (BECERRIL-GARCÍA et al., 2018). Surgiu em um contexto regional em que plataformas, conselhos nacionais de ciência, instituições acadêmicas e parte da comunidade acadêmica desvalorizam a publicação local, alinhando-se com as estratégias dos editores comerciais. No contexto internacional, tem se apresentado como uma alternativa à plataformização da ciência (MIROWSKI, 2018; OLIVEIRA, SOBREIRA, 2020), por meio de sua penetração de infraestruturas e processos econômicos das plataformas digitais nas práticas científicas para atender demandas em torno de valores de eficiência, visibilidade e produtividade travestidos pelo discurso de transparência e aceleração pela abertura da ciência. Neste sentido, a AmeliCA é um modelo editorial sem fins lucrativos para preservar a natureza acadêmica e aberta da comunicação científica como “esforço, nascido no Sul e para o Sul, [que] está aberto a todas as revistas do mundo que trabalham por um ecossistema de comunicação científica inclusivo, igualitário e sustentável”<sup>3</sup>.

Apesar de ser um assunto que já vinha sendo desdobrado em nível mundial, apenas recentemente passou a ter mais visibilidade com a publicação do Plano S da União Europeia, que reforça a visão já muito desenvolvida de que a informação científica é um bem público e que o acesso aberto é o caminho para permitir essa ampla circulação da ciência. No Plano S, políticas institucionais foram definidas para

3 Disponível em: <http://amelica.org/index.php/pt/sobre-a-amelica/>.

prover subsídios para a publicação em acesso aberto, entre elas o pagamento de taxas de processamento de artigos (Article Process Charges), fortalecendo um mercado cada vez mais crescente de monetização do conhecimento científico aberto. Enquanto a Europa e os Estados Unidos passaram a reconhecer o acesso aberto como uma modalidade inclusive lucrativa para seus negócios, que vinham sofrendo baixas de acesso cada vez maiores e diversas críticas da comunidade acadêmica (JHA, 2012), a América Latina não apenas já vinha discutindo o tema há décadas, como integrou em políticas nacionais em diversos países e desenvolveu infraestruturas próprias e em rede para aumentar o impacto e a visibilidade da produção científica.

A comunicação científica na América Latina se consolidou por meio de circuitos transnacionais e regionais próprios, além dos circuitos de prestígio hegemônico, supostamente considerados neutros (BEIGEL, 2016). Além de iniciativas de vanguarda de extrema importância para a América Latina, partem do princípio de que o conhecimento é uma ferramenta que deve servir para além dos circuitos tradicionais de publicação científica. É a partir desta compreensão que noções de ciência aberta, acesso aberto, compartilhamento e compromisso público são entendidos como elementos-chave para a ciência na América Latina (VESSURI et al., 2014) e a chave de contribuição da região para o “resto do mundo”.

Como lembra Santiago Castro-Gómez (2012), decolonizar a universidade latino-americana significa introduzir o pensamento decolonial por meio da incorporação da transdisciplinaridade e do pensamento complexo, que permite um intercâmbio cognitivo entre a ciência ocidental e outras formas de produção de conhecimento. A decolonização do ensino superior, portanto, não é uma “reversão do momento colonial pelo pós-colonial” (COLAÇO; DAMÁSIO, 2012), mas sim uma posição de luta contínua por uma universidade mais aberta, plural e participativa. E essa tem sido a maior contribuição epistemológica da América Latina, desde os estudos críticos da comunicação na região ao desenvolvimento de políticas e infraestruturas de ciência aberta.

## Considerações finais

A tradição latino-americana de pesquisa em Comunicação tem raízes sólidas e sua importância histórica não pode ser subestimada. Não somente a América Latina foi a primeira região fora dos Estados Unidos a conduzir pesquisas sistemáticas no campo, como ela desenvolveu um olhar próprio, focado em uma perspectiva crítica, que destacava a dimensão sociocultural do fenômeno comunicativo, à diferença das pesquisas estadunidenses. Apesar disso, mais recentemente, a pesquisa em Comunicação desapareceu do cenário da pesquisa de referência internacional. Isso não aconteceu porque as pesquisas deixaram de existir, ou porque elas tenham se tornado irrelevantes. O que mudou foram os critérios que definem a pesquisa de referência internacional

No rescaldo do processo de globalização neoliberal, liderado pelos Estados Unidos, um novo sistema de referência emergiu, com um viés institucional francamente favorável àquele país, e, em segundo lugar, ao Ocidente. Essas circunstâncias permitiram que pesquisadores baseados em instituições estadunidenses tivessem um peso desproporcional na sua capacidade de definir a agenda e os termos da pesquisa em Comunicação e, desse modo, instituir as bases de um imperialismo acadêmico, aprofundando a dependência dos países periféricos em relação aos Estados Unidos e a outros países ocidentais. Ainda mais importante, a capacidade de definir a agenda de pesquisa se converte em um ativo político estratégico, na medida em que permite dar valor de verdade cientificamente validada a perspectivas originadas em certas sociedades e não em outras e, com base nelas, justificar ações concretas, tomadas em nível internacional como inaceitáveis ou desejáveis. Numa época em que atores sediados nos Estados Unidos servem de base para iniciativas de intervenção nos processos políticos de países latino-americanos, ilustradas pelos casos brasileiro e boliviano, os riscos associados a essa situação de assimetria estrutural no plano acadêmico se tornam bastante evidentes.

Existe um último ponto a se destacar, contudo. Tão grande quanto seja, no presente, a assimetria do sistema acadêmico em favor dos

Estados Unidos e do Ocidente começa a dar sinal de esgotamento. A ordem unipolar que serviu de fundamento material ao modelo acadêmico assimétrico tem sido desafiada por potências emergentes, como China e Rússia, por exemplo, e pressões por um ambiente acadêmico mais plural se tornam cada vez mais comuns. É razoável supor, assim, que um novo sistema acadêmico global venha a substituir o atual. Mas em que termos esse sistema deverá se estruturar? Aqui, de novo, a América Latina tem importantes lições a oferecer. “Apagada” do cenário da pesquisa pelo circuito anglófono que tem dominado o cenário da pesquisa global desde o final do século passado, a pesquisa latino-americana resistiu e construiu um rico circuito de comunicação científica, baseado em uma lógica de acesso aberto aos seus produtos, em oposição ao modelo comercial predominante no universo anglófono.

## Referências

- ALATAS, S. F. Academic dependency and the global division of labour in the social sciences. *Current Sociology*, v. 51, n. 6, p. 599-613, 2003.
- ALATAS, S. H. Intellectual Imperialism: Definition, Traits, and Problems. *Asian Journal of Social Science*, v. 28, n. 1, 2000, p. 23-45, 2003.
- ALBUQUERQUE, A. Protecting Democracy or Conspiring Against It? Media and Politics in Latin America: A Glimpse from Brazil. *Journalism*, v. 20, n. 7, p. 906-923, 2019.
- ALBUQUERQUE, A.; LYCARIÃO, D. Winds of change? BRICS as a perspective in international media research. *International Journal of Communication*, v. 12, p. 20, 2018.
- ALBUQUERQUE, A.; OLIVEIRA, T. M.; SANTOS J., M. A.; ALBUQUERQUE, S. O. F. Structural Limits to the De-Westernization of the Communication Field: The Editorial Board in Clarivate’s JCR System. *Communication, Culture & Critique*, v. 13, n. 2, p. 185-203, 2020.
- ANIEVAS, A.; MATIN, K. (Ed.). *Historical sociology and world history: uneven and combined development over the longue durée*. London: Rowman & Littlefield, 2016.
- ARAGÃO, I. P. Primeira década do Ciespal: fundação e indicações de investigação. In FERREIRA, G. M.; PERUZZO, C. *Comunicação na América Latina: da metapesquisa aos estudos midiáticos*. São Paulo: Intercom, p. 147-174, 2018.
- BABB, S. The Washington Consensus as transnational policy paradigm: Its origins, trajectory, and likely successor. *Review of International Political Economy*, v. 20 n. 2, p. 268-297, 2013.
- BECERRIL GARCÍA, A. *et al.* AmeliCA: Una estructura sostenible e impulsada por la comunidad para el Conocimiento Abierto en América Latina y el Sur Global, 2018.

BEIGEL, F. Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina: las publicaciones de los investigadores del CONICET. *Dados*, v. 60, n. 3, p. 825-865, 2017.

BELTRAN, L. R. Alien promises, objects, and methods in Latin American communication research. *Communication Research*, v. 3 n. 2, p. 107-134, 1976.

BENNETT, K. The 'Butler' Syndrome: Academic Culture on the Semiperiphery. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, v. 69, p. 155-71, 2014.

CASTRO-GÓMEZ, S.; MARTIN, D. A. The Social Sciences, Epistemic Violence, and the Problem of the "Invention of the Other". *Nepantla: views from South*, v. 3, n. 2, p. 269-285, 2002.

CHAKRABARTY, D. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.

CHASE-DUNN, C.; HALL, T. D. The historical evolution of world-systems. In: PREYER, Gerhard. *Strukturelle Evolution und das Weltsystem*. Wiesbaden: Springer VS, 2016. p. 281-298.

COLAÇO, T. L.; DAMÁZIO, E. S. P. *Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial – Volume IV*. Florianópolis: FUNJAB, 2012.

COLPEAN, M.; DINGO, R. Beyond drive-by race scholarship: the importance of engaging geopolitical contexts. *Communication and Critical/Cultural Studies*, v. 15, n. 4, p. 306-311, 2018.

COSTA, M. P.; LEITE, F. C. L. Open access in the world and Latin America: A review since the Budapest Open Access Initiative. *TransInformação*, v. 28, n. 1, p. 33-46, 2016.

CURRAN, J., PARK, M. J. (Eds.). *De-Westernizing Media Studies*. London: Routledge, 2000.

DEMETER. The winner takes it all: International inequality in communication and media studies today. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, v. 96, n. 1, p. 37-59, 2019.

DEZALAY, Y.; GARTH B. G. *The Internationalization of Palace Wars: Lawyers, Economists and the Contest to Transform Latin American States*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2002.

ENGHEL, F.; BECERRA, M. Here and there: (re)situating Latin America in international communication theory. *Communication Theory*, v. 28, n. 2, p. 111-130, 2018.

FERNÁNDEZ-ABALLÍ ALTAMIRANO, A. Where is Paulo Freire? *The International Communication Gazette*, v. 78, n. 7, p. 677-683, 2016.

FOURCADE, M.; OLLION, E.; ALGAN, Y. The superiority of the economists. *Journal of Economic Perspectives*, v. 1, n. 29 p. 89-114, 2015.

GANTER, S. A.; ORTEGA, F. The Invisibility of Latin American Scholarship in European Media and Communication Studies: Challenges and Opportunities of De-Westernization and Academic Cosmopolitanism. *International Journal of Communication*, v. 13, p. 68-91, 2019.

- GRANT, J. Live Aid/8: perpetuating the superiority myth. *Critical Arts*, v. 29, n. 3, p. 310-326, 2015.
- HERSCOVITZ, H. A pesquisa em comunicação na América Latina: desafios nos anos 90. *Comunicação & Sociedade*, n. 23, p. 111-128, 1995.
- JHA, A. Academic spring: how an angry maths blog sparked a scientific revolution. *The Guardian*, v. 9, p. 37, 2012.
- LAGUNES, P. F.; SVEJNAR, J. (Eds.). *Corruption and the Lava Jato Scandal in Latin America*. New York: Routledge, 2020.
- LARIVIÈRE, V.; HAUSTEIN, S.; MONGEON, P. The oligopoly of academic publishers in the digital era. *PloS one*, v. 10, n. 6, p. e0127502, 2015.
- LERNER, D. *The Passing of Traditional Society: Modernizing the Middle East*. New York: Free Press, 1958.
- MATTHEWS, J.; ONYEMAOBI, K. Precarious Professionalism: Journalism and the Fragility of Professional Practice in the Global South. *Journalism Studies*, v. 21, n. 13, p. 1836-1851, 2020.
- MIGNOLO, W. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.
- MIROWSKI, P. The future(s) of open science. *Social studies of science*, v. 48, n. 2, p. 171-203, 2018.
- MUGNAINI, R.; DIGIAMPIETRI, L. A.; MENA-CHALCO, J. P. Comunicação científica no Brasil (1998-2012): indexação, crescimento, fluxo e dispersão. *Transinformação*, v. 26, n. 3, p. 239-252, 2014.
- MUKHERJEE, R. Of Experts and Tokens: Mapping a Critical Race Archaeology of Communication. *Communication, Culture and Critique*, v. 13, n. 2, 2020.
- OLIVEIRA, T. As políticas científicas na era do conhecimento: uma análise de conjuntura sobre o ecossistema científico global. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 24, n. 1, p. 191-215, 2019.
- OLIVEIRA, T.; SOBREIRA, R. Transformações, disputas e circuitos de inovação nas publicações científicas frente à ciência aberta. In: MIRANDA, A.; DAMASIO, E.; FIRME, S. M. (Org.). *Ciência Aberta: visão e contribuição a partir dos Periódicos Científicos*. Rio Grande do Sul, RS: Ed. da FURG, 2020.
- PETERS, J. D. Institutional sources of intellectual poverty in communication research. *Communication Research*, v. 13, n. 4, p. 527-559, 1986.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SANTOS, B. S. Beyond abyssal thinking: From global lines to ecologies of knowledges. *Binghamton University Review*, v. 30, n. 1, p. 45-89, 2007.
- SANTOS, W. G. *A democracia impedida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.
- SUZINA, A. C.; TUFTE, T. Freire's vision of development and social change: Past experiences, present challenges and perspectives for the future. *The International Communication Gazette*, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1748048520943692>

TUFTE, T. Estudos de mídia na América Latina. *Comunicação & Sociedade*, n. 25, 1996.

VESSURI, H. *et al.* Excellence or Quality? Impact of the Current Competition Regime on Science and Scientific Publishing in Latin America and Its Implications for Development. *Current Sociology*, v. 62, n. 5, p. 647-65, 2014.

VISENTINI, P. F. *O caótico século XXI*. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2015.

WAISBORD, S.; MELLADO, C. De-westernizing communication studies: A reassessment. *Communication Theory*, v. 24, n. 4, p. 361-372, 2014.

### **Sobre os autores**

*Afonso de Albuquerque* – Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. No presente artigo, o autor colaborou em todas as etapas do processo de confecção do artigo, incluindo o desenho da pesquisa, desenvolvimento da discussão teórica, redação do manuscrito e revisão do texto.

*Thaiane de Oliveira* – Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e da graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Laboratório de Investigação em Ciência, Inovação, Tecnologia e Educação (CiteLab). Coordenadora do Fórum de Editores e Comunicação Científica da UFF. No presente artigo, a autora colaborou em todas as etapas do processo de confecção do artigo, incluindo o desenho da pesquisa, desenvolvimento da discussão teórica, redação do manuscrito e revisão do texto.

---

Data de submissão: 10/09/2020

Data de aceite: 25/11/2020